

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

"Místico" e "Misticismo" são palavras que nos surgem constantemente em todos os livros que tratam da experiência religiosa; e de fato em muitos livros que nem sequer tratam de religião. Geralmente são usadas de modo tão vago e impreciso que não transmitem significado exato algum a nossas mentes, e chegaram agora a ser talvez os termos mais ambíguos de todo o vocabulário religioso. Qualquer vago senso de coisas espirituais, qualquer tipo de simbolismo, qualquer pintura alegórica difusa, qualquer poesia que verse sobre a alma — pior ainda, todo tipo de superstições e práticas mágicas — podem ser, e frequentemente são, descritas como "místicas". Uma palavra tão generalizada parece quase ter perdido seu significado; e de fato, nenhum desses usos de "Misticismo" é correto, embora as pessoas a quem são aplicados possam em alguns casos ser místicos.

O misticismo, segundo suas definições históricas e psicológicas, é a intuição ou experiência direta de Deus; e um místico é uma pessoa que possui, em maior ou menor grau, tal experiência direta, cuja religião e vida estão centralizadas, não meramente numa crença ou prática aceita, mas naquilo que ele considera como conhecimento pessoal direto. Na religião grega, de onde a palavra nos chega, os *mystae* eram aqueles iniciados dos "mistérios" que se acreditava terem recebido a visão do deus, e com ela uma vida nova e mais elevada. Quando a Igreja Cristã adotou este termo, adotou também este seu significado original. O místico cristão portanto é aquele para quem Deus e Cristo não são meramente objetos de crença, mas fatos vivos experimentalmente conhecidos em primeira mão; e o misticismo para ele se torna, na medida em que ele responde às suas exigências, uma vida baseada nesta comunhão consciente com Deus. Verifica-se na experiência que esta comunhão, em todas as suas variadas formas e graus, é sempre uma comunhão de amor; e,

em sua perfeição, tão íntima e pervasiva que a palavra "união" a descreve melhor. Quando Santo Agostinho disse: "Minha vida será uma vida real, sendo inteiramente plena de Ti", descreveu nestas palavras o ideal de um verdadeiro misticismo cristão.

Uma definição geral como esta evidentemente necessita de muito mais explicação se quisermos apreender tudo o que significa. Ela nos mostra que o misticismo representa a própria alma da religião; que é, de fato, outro nome para aquilo que por vezes se denomina "vida espiritual", e que nenhuma Igreja na qual ele não esteja presente verdadeiramente vive. Não apenas o ato de contemplação, a visão ou estado de consciência no qual a alma do grande místico realiza Deus, mas muitas experiências de oração mais humildes e obscuras, nas quais o pequeno espírito humano verdadeiramente sente a presença do Espírito Divino e do Amor, devem ser incluídas nelas. Não podemos afirmar que exista um "sentido místico" separado, que alguns homens possuem e outros não, mas sim que toda alma humana tem certa capacidade latente para Deus, e que em algumas esta capacidade se realiza com uma riqueza surpreendente. Tal realização pode ser de muitos tipos e graus — pessoal ou impessoal, abrupta e extática, ou pacífica e contínua. Isso dependerá em parte do temperamento do místico, e em parte de sua formação religiosa e educação.

Se tomarmos todas essas experiências em conjunto — manifestando-se como o fazem onde quer que a religião se torne interesse vivo para os homens — descobrimos que elas são, de fato, os alicerces reais sobre os quais todas as grandes crenças estão edificadas. Todo o conhecimento de Deus que os homens possuem chegou até nós, em última instância, através de alguma consciência humana dEle. Cada grande tradição religiosa, quando a remontamos, é vista como originária das experiências especiais de alguma alma que atuou como reveladora da realidade espiritual; pois os grandes místicos jamais guardam suas descobertas para si — elas possuem um significado social, e sempre buscam contar aos

outros o que conheceram. Assim, na raiz do islamismo, descobrimos que foi uma intuição direta e revelação do Eterno, uma vívida experiência mística, que fez de Maomé o Profeta do Deus Único; e o conteúdo espiritual de sua mensagem tem sido reafirmado através dos séculos pelos santos sufis. Do mesmo modo, a Igreja Cristã, enraizada na história e alimentada pela experiência, tem sido renovada repetidas vezes pelos contatos frescos de seus místicos com Deus. "Desejo", disse o grande Ruysbroeck, "ser pela graça de Deus um membro vivificador da Santa Igreja"; e nenhuma palavra poderiam exprimir mais perfeitamente o que o ofício dos místicos deveria ser. Seu trabalho dentro da família religiosa é suprir, e continuar suprimdo, o elemento profético da religião: a sempre vivificante consciência de Deus e de Sua presença em e com o homem. Poderíamos de fato chamá-los os olhos do Corpo de Cristo. Eles mantêm aquele olhar reverente voltado para o Infinito, e aquele sentido calorosamente amoroso da graça de Deus que neles habita, sem os quais todas as instituições religiosas rapidamente se tornam mecânicas e frias. Mais do que isso, sua vívida experiência de primeira mão os impele a uma consagração total ao serviço de Deus e dos homens. Neles a vida de oração informa a vida de ação: sua contemplação da Realidade torna tudo o que fazem mais real. Assim, eles mostram o que a espiritualidade cristã pode ser, e que contribuição pode fazer para a vida coletiva. Pela comunhão com eles, o cristão meramente ativo pode realizar a atualidade do mundo do espírito, e até captar algo de seu fogo.

Os místicos são os maiores de todos os mestres da oração e daquela comunhão mais profunda à qual a oração disciplinada pode conduzir. Isso eles podem fazer devido à sua sólida compreensão das realidades invisíveis nas quais, na melhor das hipóteses, a maioria de nós meramente "acredita". Numa experiência que frequentemente transcendia todos os seus poderes de expressão, eles perceberam Deus como um Fato permanente, uma Presença e um Amor vivos; e por isso toda a sua existência foi transformada. E isso lhes aconteceu, não porque Ele os amasse e atendesse mais do

que faz a nós; mas porque eles O amavam e atendiam mais do que nós. Quando lemos as palavras de Santo Agostinho: "Entrei e contemplei com o olho da alma a Luz que nunca muda; acima do olho da alma, acima da minha inteligência"; ou quando Ângela de Foligno diz: "Contemplei a inefável plenitude de Deus, mas nada posso relatar dela, salvo que vi a plenitude da Divina Sabedoria, na qual reside toda a bondade"; ou Santa Catarina de Siena: "Agora sei com certeza, Verdade Eterna, que Tu não desprezarás o desejo das petições que Te fiz"; ou Santa Catarina de Gênova: "Se ao menos eu pudesse mostrar-lhe um décimo desse Amor no qual habito!" — sentimo-nos na presença de uma experiência real, tão superior aos níveis comuns de sentimento que escapa tanto aos poderes de expressão do sujeito quanto à nossa capacidade de apreensão.

É evidente que, uma vez que a Realidade de Deus transcende todas as concepções humanas, há espaço para muitos tipos diferentes de experiência mística, e todos serão incompletos. Às vezes a experiência parece, pela sua estranheza, obscura e informe; outras vezes rica, pessoal, vívida. Os livros que os místicos escrevem representam seus esforços para nos contar sobre ela e nos ensinar a compartilhá-la: e se os lermos com simpatia e um humilde esforço para compreender, descobriremos que eles realmente nos contam ou pelo menos nos sugerem algo da "poderosa Beleza" que esses grandes amantes de Deus conheceram. Assim como artistas e músicos, capazes de ver e ouvir a beleza criada à qual os olhos e ouvidos comuns estão fechados, interpretam e expressam algo dela para nós em suas obras e assim nos dão uma nova visão do mundo; assim também os grandes místicos, que são gênios na esfera da religião, nos mostram a beleza incriada das realidades espirituais que não podemos encontrar sozinhos, e formam um grande corpo de testemunho da experiência humana de Deus. Ao lê-los, como ao ler grande poesia, somos tirados de nós mesmos e nos tornamos conscientes de regiões profundas de verdade e beleza ainda além de nosso alcance. A Realidade que eles tentam nos mostrar é a mesma Realidade que é o objeto de nossa fé; mas nós vemos "como

por um espelho, obscuramente", e eles, em seus melhores momentos, face a face.

É apenas esta visão dos místicos, como pessoas que veem e experienciam mais vividamente uma Realidade que está ali para todos nós, que pode nos trazer a uma relação fraterna com eles, e assim nos auxiliar em nossas próprias vidas. Enquanto os considerarmos aberrações espirituais, praticando alguma espécie intensa e esotérica de religião oposta à que por vezes se denomina "cristianismo prático", eles permanecerão estranhos para nós; e perderemos nossa porção daquela vida e luz, daquele conhecimento especial de Deus e da relação da alma com Ele, que é sua principal incumbência trazer ao mundo. Mas se recebermos suas mensagens com a simpatia e humildade que devemos trazer a todas as obras de arte que desejamos compreender, então eles aumentarão nossa sensibilidade religiosa, nos darão um novo padrão e incentivo na oração, e nos iniciarão, ao menos em algum grau, nas verdadeiras "riquezas da Casa de Deus".

Os escritores cristãos clássicos afirmam que todo nosso conhecimento de Deus nos chega de três fontes. Primeiramente, Ele se manifesta no mundo natural e suas criaturas; e a percepção disto constitui a "teologia natural". Em seguida, Ele Se revelou a nós na história; em muitos graus variados, mas supremamente em e através da revelação cristã. Este aspecto da verdade expressa-se na "teologia dogmática". Por fim, Ele é encontrado mediante a experiência secreta e direta da alma; e isto é chamado de "teologia mística". Para o pleno desenvolvimento de nossos espíritos numa vida religiosa completa e abrangente, necessitamos de algo destes três fatores. Devemos aprender a ver e adorar a presença imanente de Deus na natureza; devemos aproximar-nos de Sua perfeita autoexpressão no Cristo histórico; devemos buscá-Lo diretamente na vida de oração. Mas é apenas por este terceiro aspecto da religião, o cultivo da secreta vida interior, que podemos esperar plenamente adentrar os outros dois. Sem o que poderia

genericamente ser chamado de disposição mental orante, nem a revelação de Deus na natureza nem os ensinamentos e práticas da Igreja podem significar ou fazer muito por nossas almas. Portanto, devemos aprender com os místicos, os grandes artistas dessa vida interior, se desejamos amadurecer como homens e mulheres de Deus.

A história do misticismo na Igreja é a história da reação de muitos temperamentos diferentes a uma única Realidade e a uma única exigência. Por isso é uma história variada, como tudo o que está tão intimamente ligado ao caráter humano está destinado a ser. Ela não nos apresenta um tipo particular de experiência ou um tipo uniforme de perfeição. Francisco e Ricardo Rolle, repletos de poesia e música; Catarina, a filha do curtidor; Inácio, o soldado aristocrata; João da Cruz, o santo camponês; Teresa, a celibatária enclausurada; Lúcia Cristina, a devotada mãe e esposa; Boehme, o sapateiro trabalhador; Fénelon, o sacerdote cortês: todos formam uma família e seguem o mesmo caminho. Encontramos defensores da ortodoxia e iniciadores de heresias, pensadores profundos, escritores vívidos, amantes passionais, homens vigorosos de ação, organizadores, pais de famílias espirituais e almas solitárias. Mas um homem ou mulher que deva figurar entre os místicos da Igreja precisa ter algum canal de expressão própria, deve ser uma personalidade possuída por Deus e vivificante dentro do esquema religioso coletivo.

Não devemos temer admitir que algumas das experiências, ações e concepções que encontramos entre os místicos foram excessivas e distorcidas; que por vezes foram influenciadas por visões equivocadas tanto da natureza divina quanto da humana, ou atribuíram valor espiritual a emoções de ordem inferior. Esta é uma razão pela qual o misticismo tanto necessita ser testado e corrigido pelo senso comum geral da Igreja, e tão frequentemente tende ao exagero quando dele se afasta. Um místico não é necessariamente um ser humano perfeito; e as imperfeições e

crudezas de seu caráter ou perspectiva podem influenciar e mesclar-se com seu misticismo. Ele pode por vezes ser febrilmente emotivo, ou carecer de apreciação cordial por seus semelhantes; pode ser intenso em excesso, combativo, intolerante. Em MAltida de Magdeburgo, Ricardo Rolle, George Fox, percebemos vestígios de algumas dessas falhas.

É verdade que quanto mais o místico se aproxima de Deus, mais aquela mansidão e amor que Ele sempre desperta na alma triunfarão sobre essas falhas de caráter. Contudo, algo do natural permanecerá e deve ser levado em conta por nós. Essas desigualdades humanas afetam a autoexpressão do místico e ajudam a produzir aquela variedade de tipos que torna a história cristã tão rica e tão interessante. Elas também nos advertem contra o erro da supersimplificação, de tentar reduzir o misticismo a uma experiência única e idêntica. Essa experiência variará na medida em que os seres humanos variam; isto é, exibirá o frescor e a complexidade, as respostas infinitamente graduadas, características de toda vida real.

Na leitura dos místicos, portanto, devemos ter cuidado para não isolá-los de seus contextos e tentar julgá-los apenas por padrões espirituais. Eles são seres humanos imersos no fluxo da história humana; filhos de seu próprio tempo, de sua própria Igreja, assim como filhos do Amor Eterno. Como outros seres humanos, isto é, eles possuem seus aspectos sociais e individuais; e não obteremos uma verdadeira compreensão deles a menos que ambos sejam mantidos em mente.

Do ponto de vista histórico, todo místico é profundamente influenciado por seu ambiente, e não pode ser compreendido isoladamente dele. Ele está enraizado no passado religioso de seu povo, seu presente religioso o cerca e o penetra quer ele queira ou não, e através deste presente e deste passado algum — na verdade muito — de seu conhecimento de Deus deve vir. Por mais

independente, por mais "direta" que seja a revelação que recebeu, uma investigação cuidadosa mostra o quanto, de fato, ele deve à sua ancestralidade espiritual, suas leituras, as influências que moldaram sua vida inicial. Se ele fosse de fato a alma solitária que às vezes gosta de se imaginar, ele não teria significado para seus semelhantes, e um termo como "os místicos da Igreja" seria destituído de sentido. Mas mesmo quando se opõe à vida eclesial externa de seu período — como frequentemente o faz, em maior ou menor grau — ele permanece, num sentido mais amplo, devedor, ou mesmo filho da Igreja. O alimento comum da grande família cristã o sustenta; e ele é obrigado a usar sua linguagem comum se deseja ser compreendido. Dela provêm, em última instância, a maioria de suas concepções; e onde permanece por escolha dentro da instituição, os efeitos benéficos da vida coletiva, o auxílio que a tradição lhe concede, são fortemente marcantes.

À medida que a vida e o crescimento da Igreja progridem, sua consciência coletiva, enriquecida por todas as descobertas dos santos, torna-se mais rica: de modo que ela tem cada vez mais para dar a cada um de seus filhos. A bela interdependência de todas as almas cristãs, vivas e mortas, tudo o que é significado pela doutrina da "Comunhão dos Santos", é aqui fortemente ilustrado; e refuta a ideia comum de que o misticismo é individualista e pode florescer independentemente da história ou da tradição. Assim, todo misticismo cristão está impregnado da linguagem e das ideias da Bíblia; é perpetuamente ensinado e reensinado por São Paulo e São João. Além disso, ele reflete a cor religiosa especial do período a que pertence e transmite a um tempo posterior os tesouros espirituais dele extraídos. Os místicos católicos da Idade Média possuem as belezas peculiares de sua época, e frequentemente em seus ditos nos remetem ao próprio espírito da arte gótica. Após a Reforma, predomina outro estado de espírito e atitude, contudo o elo com o passado não se encontra verdadeiramente rompido. Até mesmo místicos tão unilaterais como os Quakers, que sustentam ser toda verdade revelada diretamente pela Luz Interior de Deus na alma, ou os Quietistas, que buscam aguardar em um estado

vazio de passividade por Sua mensagem, ainda dependem, para suas noções mais características, das profundas crenças comuns da Cristandade acerca de Deus e de Sua comunhão com o espírito do homem.

O aspecto coletivo do misticismo cristão possui, portanto, suma importância. Se desejamos verdadeiramente compreender sua literatura, sua história e especialmente sua psicologia, não podemos negligenciar a influência daquele grande e crescente corpo de verdade espiritual do qual, conscientemente ou não, cada místico sucessivo alimenta sua alma. Em toda experiência religiosa, uma parte significativa é e deve ser desempenhada por aquilo que os psicólogos denominam "apercepção". Por apercepção entende-se o fato de existirem em todas as nossas experiências dois fatores distintos. Há primeiro a apreensão, a mensagem que nos chega do mundo exterior; em segundo lugar, há as ideias, imagens e memórias já presentes em nossas mentes, que involuntariamente combinamos com a mensagem e pelas quais a desenvolvemos, modificamos ou explicamos. Ora, essa mistura de percepções e memórias obviamente ocorre em toda experiência mística. A mente que o místico traz ao seu encontro com Deus não é uma folha em branco. Pelo contrário, geralmente está ricamente mobiliada com ideias e metáforas religiosas, e treinada em tipos especiais de práticas religiosas, todas as quais o auxiliam a atualizar as mais ou menos obscuras apreensões da Verdade Eterna que lhe chegam em suas contemplações. Não fosse assim, dificilmente poderia ele contar-nos algo daquilo que sentiu e conheceu. É assim que certos símbolos e frases — por exemplo, o Fogo do Amor, o Matrimônio Espiritual, a Luz Interior, os estágios clássicos da ascensão da alma — ocorrem repetidamente nos escritos dos místicos, e sugerem-nos a unidade substancial de suas experiências. Estas frases conduzem-nos de volta ao pano de fundo histórico dentro do qual aqueles místicos emergem; e recordam-nos que eles são, como outros cristãos, membros uns dos outros, e vivendo (ainda que com peculiar intensidade) a vida à qual todos os cristãos são chamados.

Eis o que se pode dizer sobre o misticismo cristão em seu aspecto coletivo; aquele grande fato contínuo da religião espiritual de primeira mão, da comunhão direta com Deus, que jamais deixou de vitalizar a Igreja dentro da qual se manifesta. Mas de igual importância para nós é seu aspecto individual: a forma que assume, os efeitos que produz, nas almas dos próprios místicos.

O misticismo tem sido definido como "a ciência do Amor de Deus", e certamente essas palavras descrevem sua essência. Porém, observando-o tal como se apresenta na Igreja Cristã em todos os seus graus e formas, eu preferiria chamá-lo de "a vida que almeja a união com Deus". Estes termos — vida, alvo, união — sugerem seu caráter ativo e proposital; o fato de que o verdadeiro misticismo cristão não é nem uma teoria filosófica nem um nome para sensações religiosas deleitáveis, mas que é uma vida com um propósito, e este propósito nada menos é do que a união do espírito do homem com o próprio Coração do Universo. Aquela experiência de Deus mais ou menos vívida que pode surgir cedo na carreira do místico, e sempre desperta um amor e um anseio por Ele, é, por assim dizer, apenas a matéria-prima do verdadeiro misticismo. É na vida e no crescimento que se seguem a essa primeira apreensão, no poder desenvolvido, na obra criativa realizada, que descobrimos seu verdadeiro valor e seu lugar na economia do mundo espiritual.

Toda a vida, como sabemos, envolve crescimento. Ela começa de modo singelo, transforma-se, desenvolve-se até a maturidade. É grandemente afetada por seu entorno, necessita de alimento e abrigo, expressa-se em respostas e atividades variadas. É criativa, pode tornar-se progenitora de nova vida.

Estes caracteres, facilmente observáveis na vida do mundo natural, são igualmente verdadeiros para a vida do mundo espiritual. A

vida do místico desenvolve-se de pequenos começos e passa por estágios sucessivos de crescimento, marcados por diferentes tipos de resposta ao seu entorno espiritual. Os místicos necessitam de alimento para suas almas, e isto obtêm da oração e da leitura, de sua contemplação silenciosa de Deus, e frequentemente dos sacramentos de sua Igreja — pois a ideia de que o místico cristão típico é um agente religioso independente, alheio ou desdenhoso da tradição e do culto organizado, é, como veremos posteriormente, uma ilusão.

Finalmente, os místicos são verdadeiramente criativos. Através de suas vidas, obras e ensinamentos, constituem grandes fontes de nova vida espiritual; reúnem discípulos e constantemente se tornam, por assim dizer, os pais ou mães de famílias espirituais. Foi sua intensa vida mística em Cristo que fez de São Paulo o verdadeiro progenitor das primeiras Igrejas Cristãs; de modo que não era em sentido meramente metafórico que ele as chamava de seus "pequeninos filhos", dos quais ele "trabalhara até nascer". Ninguém pode ler a Epístola aos Romanos sem perceber o que aquela vida geradora de vida significara para ele ou quanto lhe custara; e poderíamos dizer o mesmo de São Francisco, Santa Teresa, George Fox, Wesley e muitos outros.

Assim, por mística cristã entendemos uma vida consciente e crescente de tipo especial: aquele crescimento em "Amor, Verdadeiro Ser e Personalidade espiritual criativa" que foi descrito como a essência da santidade. Esta vida não envolve uma existência afastada dos deveres comuns para algum país das maravilhas religiosas extático, que muitas pessoas supõem ser místico. A vida árdua e devotada de alguns dos maiores místicos da Igreja contradiz de imediato esta visão. É uma vida inspirada por um objetivo vívido e definido; a vida de uma vontade dedicada movendo-se firmemente numa direção, rumo a uma união perfeita e ininterrupta com Deus. Qualquer que fosse a forma que a experiência dos místicos assumisse — quer expressa na paz

profunda da oração contemplativa quer em êxtase e outras "formas anormais" — no fundo tudo se reduz a isto. Eles sentiam, ou melhor, sentem — pois há muitos deles no mundo hoje — uma certeza crescente e avassaladora de contato direto com Deus, penetrando-os e transfigurando-os. Por ela eram ao mesmo tempo profundamente humildes, mas intensamente estimulados: tornou-se, de uma vez por todas, o fator supremo em suas vidas, exigindo uma resposta total da mente, do sentimento e da vontade.

Tal experiência, embora não peculiar ao Cristianismo, assumiu dentro da Igreja Cristã uma forma especial que não se encontra em outro lugar. Existem, obviamente, duas correntes distintas porém complementares no sentimento e culto cristãos. Uma se dirige a Deus, o Espírito Eterno e Infinito; a outra, à Sua revelação encarnada em Jesus Cristo. Essas duas vertentes se refletem na experiência mística cristã. Por um lado, temos um grupo de místicos de quem Santo Agostinho e Santa Catarina de Gênova são tipos supremos, cuja apreensão espiritual dominante é do Ser absoluto de Deus, e da união da alma com Ele. Em linguagem técnica, eles são "teocêntricos". Deus é percebido por eles sob símbolos mais ou menos impessoais, e especialmente como Luz e Amor. "O que", diz Santo Agostinho, "amo quando Vos amo? É uma certa luz que amo, e melodia, e fragrância e abraço, que amo quando amo meu Deus." Místicos deste temperamento frequentemente mostram estreitas correspondências com a experiência de outros grandes amantes de Deus, fora do âmbito cristão. Isto não deveria nos surpreender; pois visto que Deus é um, e "não está longe de qualquer um de nós", deve haver um elemento comum em nossa limitada apreensão humana dEle.

Por outro lado, a vida interior de muitos dos mais ardentes místicos cristãos é regida por seu senso de uma comunhão pessoal direta com Nosso Senhor: eles são "cristocêntricos", e podem afirmar com Walter Hilton que para eles "Deus, a graça e Jesus são uma só coisa". Dentro dessa consciência de Deus como a Realidade

eterna e permanente, que é talvez o senso místico, este tipo de experiência religiosa apreende a presença íntima aqui e agora de um Amor pessoal, por eles identificado com o Cristo Ressuscitado e Exaltado, e aceito como o Mestre, Companheiro e Auxiliador da alma.

O Cristianismo é único entre as grandes religiões do mundo neste aspecto: que seu Fundador é, para Seus seguidores mais próximos, não meramente um profeta, modelo de conduta ou figura Divina revelada no passado histórico, mas o objeto aqui e agora de uma comunhão experienciada da espécie mais vívida. Os cristãos afirmam que esta comunhão tem continuado ininterrupta por dezenove séculos, e é a verdadeira fonte da energia perene da Igreja. Aquelas pessoas que — em sucessão contínua desde a primeira Páscoa — mais vividamente experienciaram isto, têm sido o meio de fazer da lealdade da Igreja ao seu Mestre uma realidade viva. Essas pessoas são propriamente chamadas de místicos; pois os crentes na Encarnação devem, com o Quarto Evangelista, considerar sua apreensão como uma apreensão de Deus em Cristo. Como observa Fénelon: "O Verbo, quando Ele nos fala no estado de oração como Encarnado, deve ser ouvido com tanta atenção quanto quando fala sem Se representar a nós em Sua Encarnação."

Evidentemente, pois, o adorável culto medieval do Santo Nome, e aquilo que por vezes se denomina experiência Evangélica, são igualmente místicos em caráter. Com efeito, é apenas pela profundidade, intensidade e proximidade que podemos distinguir desses tipos de religião pessoal o intercâmbio reivindicado pelos grandes místicos cristocêntricos, como Santa Catarina de Siena ou Richard Rolle. O mesmo deve ser dito a respeito da experiência sacramental através da qual alguns dos contemplativos aparentemente mais abstratos, entre eles Ruysbroeck e Santa Catarina de Gênova, atualizaram e sustentaram seu vívido senso pessoal de comunhão com Deus. Isto também difere em grau mais

do que em espécie daquilo que nutre a vida religiosa de miríades de almas simples.

Estas duas correntes de sentimento — em linguagem técnica, as tendências teocêntrica e cristocêntrica — atualizadas em graus e proporções variáveis por espíritos fervorosos e contemplativos, constituem juntas a consciência mística da Igreja. Dentro dessa atmosfera de espírito que é a essência da religião, essa consciência oscila, por assim dizer, entre os polos de duas grandes experiências: as manifestações transcendente e encarnada de Deus. Historicamente essas experiências derivam, a primeira através de Santo Agostinho de fontes gregas, a segunda através de São Paulo de fontes do Novo Testamento. Psicologicamente representam em suas formas extremas as reações complementares de dois tipos diferentes de mente à graça de Deus.

No indivíduo, um ou outro deles inevitavelmente tende a predominar. Porém os maiores e mais genuinamente característicos dos místicos cristãos, desde São Paulo em diante — entre eles Jacopone da Todi, nossa própria Juliana de Norwich, Santa Teresa, e sobretudo o poderoso Ruysbroeck — abarcam em seu alcance ambos estes aspectos da mais plena e profunda comunhão do homem com o Amor Criador. Em suas contemplações da Eternidade, podem sentir e conhecer o Deus Infinito não encarnado, como o "simples e Inefável", a "Luz sem medida, e a Bondade sem Forma". Contudo podem amar e servi-Lo encarnado, como o Cristo eterno e imanente. Portanto, incluindo em seu alcance tanto as manifestações históricas quanto as imutáveis da Vida Divina, eles desenvolvem em seu melhor uma espiritualidade que é ao mesmo tempo elevada e acolhedora; penetrada por completo pelo sentido reverente do Ser Eterno de Deus, ainda equilibrando isto por uma devoção pessoal ardente e uma comunhão com Cristo.

Uma palavra deve ser dita em conclusão sobre o "caminho místico" ao qual se faz referência constante em obras sobre misticismo. O "caminho místico", com seus três estágios de purgação, iluminação e união, é uma fórmula que foi inicialmente utilizada pelos neoplatônicos e deles emprestada por escritores cristãos sobre a vida espiritual. Ele descreve em termos gerais a maneira pela qual a alma do místico usualmente se desenvolve; e é paralelizado pela outra fórmula, "Principiante, Proficiente e Perfeito", que muitos dos mestres medievais preferiam. Devemos lembrar que todos esses termos são frequentemente usados por diferentes escritores em sentidos diversos, e assim se tornam enganosos se compreendidos de forma demasiadamente rígida.

Por "purgação" geralmente se entende a purificação do caráter e o desapego dos interesses terrenos, que é operada em parte pela própria penitência e esforço da alma quando ela começa seriamente a vida espiritual, e em parte pela graça influxa de Deus. Tal purificação sempre marca os estágios iniciais da experiência mística; e é uma forma intensiva da difícil autoconquista, à qual, em algum grau, todos os que realmente enfrentam as questões da vida e os fatos de sua própria natureza são chamados. O termo "via purgativa" também é às vezes aplicado — por exemplo, por São João da Cruz — à gradual espiritualização da oração do místico, especialmente as dolorosas lutas e obscuridades que acompanham a transição do estágio de meditação sobre temas e figuras religiosas para os primórdios da verdadeira contemplação.

Por "iluminação" entende-se aquela pacífica certeza de Deus, e a percepção dos verdadeiros valores da existência em Sua luz, que é a recompensa da vontade rendida: uma percepção que, ao crescer, penetra cada vez mais profundamente nas verdades da religião e no significado e beleza da vida — como quando Ângela de Foligno percebeu que "o mundo inteiro está cheio de Deus". Todos os artistas em quem o amor pela beleza é maior que o amor por si mesmos desfrutam de uma medida dessa iluminação. Esses dois

estágios não estão rigidamente separados. Com efeito, em muitos místicos vê-se que a purificação e a iluminação progressiva caminham lado a lado; pois quanto mais estes se aproximam da visão do Perfeito, mais imperfeições descobrem em si mesmos.

Finalmente, por "união" entende-se aquela harmonia perfeita e abnegada da vontade regenerada com Deus que torna o místico plenamente desenvolvido capaz de "ser para a Bondade Eterna o que sua própria mão é para um homem". Enquanto nos estágios iniciais ele via e movia-se em direção à vida do Espírito, agora ele se encontra imerso nela, inspirado e dirigido em todas as suas ações pelo amor inerente de Deus. Esta é a flor da vida consagrada e frequentemente traz consigo um acesso surpreendente de energia e resistência, um poder de lidar com pessoas e eventos muito além das capacidades "naturais" do eu — como vemos em vidas de ação heroica como as dos primeiros franciscanos, Santa Teresa ou os santos quakers. Este é o verdadeiro "casamento espiritual" da alma: uma união com Deus tão completamente estabelecida que persiste ininterrupta entre as distrações do mundo, e frequentemente impele aqueles que a alcançam a renunciar às alegrias privadas da contemplação a fim de realizar a obra de Deus. A "oração de união" descrita por Santa Teresa e outros é o reflexo dentro da vida devocional deste abandono de si total e criativo.

Não é necessário dizer que todos estes termos são gerais; muitos graus e tipos diferentes de realização estão subsumidos neles, e raramente são usados com exatidão científica. Portanto, não devemos transformá-los em um diagrama ao qual esperamos que todo místico se conforme, nem os sucessivos graus de oração e contemplação que muitos dos místicos nos descrevem devem ser elevados a leis científicas. Temos de lidar com criaturas intensamente vivas, condicionadas pelo temperamento, história e ambiente, e devemos esperar que elas manifestem a variedade e o frescor característicos de toda vida verdadeira.

Obras Ilustrativas

Butler, Dom Cuthber — *Misticismo Ocidental*. Londres, 1922.

Herrmann, W. — *A Comunhão do Cristão com Deus*. Londres, 1895.

Hugel, Baron F von — *O Elemento Místico da Religião*. Segunda edição. Londres, 1923.

Inge, W. R. — *Misticismo Cristão*. Londres, 1899.

Poulain, A. — *As Graças da Oração Interior*. Londres, 1910.

Underhill, E — *Misticismo*. Décima edição, Londres, 1924.